

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO

ZILBERTO LUIS COSTA SILVA

A WICCA NO BRASIL DE 1980: uma análise de O Poder da Bruxa

DELMIRO GOUVEIA - AL

2024

ZILBERTO LUIS COSTA SILVA

A WICCA NO BRASIL DE 1980: uma análise de O Poder da Bruxa

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias

DELMIRO GOUVEIA - AL

2024

Folha de aprovação

Zilberto Luis Costa Silva

A WICCA NO BRASIL DE 1980: uma análise da obra O Poder da Bruxa

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, apresentado em 28/11/2024

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **SHEYLA FARIAS SILVA**
Data: 13/12/2024 07:29:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias

Documento assinado digitalmente
 **EVERTON ROSENDO DOS SANTOS**
Data: 02/12/2024 21:56:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Interno: Prof. Me. Everton Rosendo dos Santos

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDO DE SA OLIVEIRA JUNIOR**
Data: 28/11/2024 16:55:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo: Prof. Me. Fernando de Sá Oliveira Júnior

Dedico

Para as linhagens de meus familiares, que sobreviveram a tempos em que a educação não lhes serviu como deveria. Para a comunidade que ajudou a me construir e continua construindo. E como diria Jinkx Monsoon “*I claim this in the name of Hecate.*”

Agradecimentos

Agradeço a todas as figuras educadoras desde o início da minha vida. Agradeço aos professores e professoras que me aguentaram na mais tenra idade, e que me inspiraram por meio da educação.

Agradeço, começando dos precursores do pensamento científico aos mais atuais autores, pela dedicação de uma vida para a ciência, assim como agradeço a todas as peças que compõem a engrenagem do sistema que possibilita a existência do ensino público.

Agradeço aos governos que viabilizaram essa oportunidade de ensino, transformando futuros por todo o Brasil.

Agradeço a todo e qualquer indivíduo que se empenhou em disponibilizar, de forma acessível, conhecimento e cultura.

Agradeço aos produtores de conteúdo da Tradição Caminhos das Sombras, que trouxeram uma pegada acadêmica, transparente e atualizada sobre o tema da bruxaria moderna.

Agradeço a todos os meus professores acadêmicos pelo seu trabalho e comprometimento. Em especial, agradeço à professora Sheyla Farias, que estava presente desde o início dessa jornada. Segurando a imagem de Clio, Musa da História, nos inspirou a pensar criticamente o homem em seu tempo.

Agradeço a cada um dos meus amigos assim como minha base familiar, que foram importantíssimos nas minhas mais básicas preocupações.

Sem os indivíduos citados, nada disto seria possível. Portanto, muito obrigado a cada um de vocês.

RESUMO

Este trabalho buscou investigar a entrada da Wicca no Brasil. A pesquisa teve como objetivo principal identificar as tendências culturais ao redor da obra *O Poder da Bruxa*, traduzida e publicada no fim da década de 80 em território brasileiro. Para tanto esta pesquisa se apoiou no conceito de bruxaria moderna, presente na obra de Ronald Hutton, *Triumph of The Moon* (2019), e na obra de Jeffrey Russel, *História da Bruxaria* (2019). A metodologia da pesquisa foi baseada nas discussões de História cultural de Roger Chartier, em busca de identificar as práticas e representações que formaram a realidade social apresentada na obra analisada, *O Poder da Bruxa*. Os resultados alcançados apontam para uma afinidade com a influência da contracultura dos anos 80. A conclusão que se chegou é que a obra apresenta um forte senso de propósito assim como desperta um interesse de mercado.

Palavras-Chave: bruxaria moderna; história cultural; modernidade; Brasil.

ABSTRACT

This study sought to investigate the introduction of Wicca in Brazil. The primary objective of the research was to identify the cultural trends surrounding the book *The Power of the Witch*, which was translated and published in Brazil in the late 1980s. To this end, the research was grounded in the concept of modern witchcraft as presented in Ronald Hutton's **Triumph of the Moon** (2019) and Jeffrey Russel's **A History of Witchcraft** (2019). The research methodology was based on discussions of cultural history by Roger Chartier, aiming to identify the practices and representations that shaped the social reality depicted in the analyzed work, **The Power of the Witch**. The findings indicate an affinity with the influence of 1980s counterculture. The study concluded that the book conveys a powerful sense of purpose and sparks significant market interest.

Keywords: modern witchcraft; cultural history; modernity; Brazil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A BRUXARIA E A HISTORIOGRAFIA	10
3 A MODERNIDADE E UM BRASIL DE MUDANÇAS.....	13
4 A HISTÓRIA DE UMA RELIGIÃO.....	16
6 RESULTADOS	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho utiliza os termos *bruxaria moderna* e *bruxaria pagã* para se referir às religiosidades originadas na década de 1940 na Inglaterra, associadas a Gerald Brosseau Gardner, que se inspirou nas teorias de revisionismo disponíveis na época sobre o fenômeno da *bruxaria medieval*. O termo *revisionismo* se refere à ideia de que o *fenômeno medieval* foi composto por uma perseguição a uma religião pagã estruturada de praticantes de bruxaria.

A bruxaria moderna tem sido objeto de estudo desde as últimas décadas do século XX. A conexão entre esse movimento e o revisionismo sobre a bruxaria medieval, assim como o surgimento do fenômeno nas décadas de 1940 e 1950, tem sido uma preocupação central para historiadores como Ronald Hutton e Jeffrey Russel. As análises de Hutton podem ser encontradas nas duas edições¹ de seu livro *Triumph of the Moon* (O Triunfo da Lua), publicadas em 1999 e 2019. Quanto a Russel, a obra dedicada é *História da Bruxaria* (2019). A bruxaria moderna está associada a diversos temas, como a contracultura, a religião privada, a espiritualidade feminista, o movimento Nova Era, a tradição esotérica ocidental e o ativismo ecológico.

O objetivo deste trabalho é analisar a entrada da bruxaria moderna no Brasil durante as décadas de 1980 e 1990, por meio de uma revisão bibliográfica das obras citadas no parágrafo anterior. Pretendemos investigar os mecanismos de apropriação cultural desse fenômeno e identificar as tendências culturais associadas ao processo. Além disso, uma análise do livro *O Poder da Bruxa*, publicado em 1989, busca contribuir para a compreensão das identidades formadas em torno da bruxaria moderna nos anos 1980.

A relevância deste estudo reside no fato de que diversos grupos no Brasil se identificam com essa espiritualidade, incluindo profissionais, acadêmicos, vizinhos, alunos e professores. A bruxaria moderna tem conquistado cada vez mais espaço na cultura ocidental, refletindo-se em produções culturais e trajetórias de vida². Ela está presente na internet, nas livrarias e na

¹ Ambas em inglês, sendo todas as citações traduções próprias.

² Na página do círculo de cooperação da Iniciativa das Religiões Unidas Borborema, a Wicca está na lista das religiosidades participantes: <https://www.uri.org/who-we-are/cooperation-circle/uri-borborema> (acesso em 19/11/2023, Copyright 2023 United Religions Initiative. Na data de escrita deste artigo, os manuais de bruxaria se

televisão. De acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³(IBGE), na categoria “religiões esotéricas”, em 2000, 58.445 pessoas se identificaram com essa categoria, e em 2010, esse número cresceu para 74.013, representando um aumento de 26,64%. Sem precisão nos dados, a extensão do fenômeno é um mistério.

Esta pesquisa utiliza a abordagem de Roger Chartier, exposta em *História Cultural: Entre práticas e representações* (1988), focando-se na construção da realidade social dos grupos estudados. Chartier sugere que a análise das práticas e representações permite compreender as ações dos indivíduos dentro de um contexto cultural específico. Nessa perspectiva, o estudo aplica essa teoria para entender as representações do livro *O Poder da Bruxa* (CABOT, 1991), publicado no final da década de 1980. Este é o primeiro livro sobre bruxaria moderna traduzido para o português e publicado no Brasil, uma informação corroborada por outros estudos acadêmicos, como a tese de Terzetti Filho: *A Deusa Não Conhece Fronteiras e Fala Todas as Línguas: Um Estudo sobre a Religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil* (2016).

Em sua obra *História Cultural*, Roger Chartier (1990) teve “por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (p. 17). Sua perspectiva está ligada às relações de poder, dado sua ideia de “luta de representações”. As noções de prática, representação e apropriação são fundamentais para desvendar a construção de sentidos que permitem o mundo ser decifrado.

Os saberes são interpretados fora da ideia das inteligências desencarnadas, passando a ser práticas e representações de homens no tempo. Encontram-se então numa constante luta entre representações dos vários grupos envolvidos, a partir de seus interesses, pois “embora [as representações do mundo social] aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam” (p.16).

História cultural pode explicitar três modalidades para compreender o mundo social:

multiplicam nas prateleiras das livrarias, assim como estão a poucos cliques de distância. As práticas religiosas podem passar a fazer parte da vida de qualquer pessoa que tenha acesso aos livros físicos ou arquivos virtuais: https://www.amazon.com.br/sk=wicca&i=stripbooks&_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%9 acesso em 30/05/2024, copyright © 2021-2024 Amazon.com, Inc. ou suas afiliadas. Na TV, é possível citar Edu Scarfon, que tem aparecido desde 2014 em canais de televisão, inclusive da televisão aberta, esclarecendo sua prática de Wicca assim como assuntos esotéricos e da espiritualidade Nova Era. Desde sua participação na série de televisão “Os Paranormais” produzida por Cygnus Media e apresentada por Celso Portioli no programa Domingo Legal na emissora SBT em 2014: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/12/21/finalistas-de-reality-com-paranormais-relembra-tensao-das-provas-e-revela-bastidores-138490.php> por Thiago Forato, acesso em 09 de julho de 2024, copyright NATELINHA © 2024

³ Infelizmente, não há amostra para a categoria religião disponível no censo demográfico de 2022. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137> acesso em 17 de setembro de 2024.

Em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças as quais uns “representantes” (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (p. 23).

O mundo é, então, uma coleção de visões de mundo distintas, sempre em disputa, com a pretensão de sobreposição umas as outras. Essas visões partem sempre dos interesses dos homens, que também estão em constante disputa. História cultural envolve o estudo dos mecanismos utilizados para a sobreposição das culturas, sejam eles “instancias coletivas ou pessoas singulares”, como mencionado.

Compreender a bruxaria moderna dentro desse ponto de vista requer escolhas. Neste trabalho, os autores de *best sellers* e suas obras serão compreendidos como marcos na propagação da religião. É dedicada atenção especial para as práticas e representações propagadas pelos autores, compreendendo que elas seriam apropriadas ou reformuladas por seus leitores.

O objetivo deste trabalho é analisar o impacto da publicação desse manual de bruxaria moderna no final da década de 1980. Os dados reunidos buscam compreender essa expressão da cultura ocidental no Brasil no final do século XX, e assim contribuir para o entendimento da popularização de uma identidade ligada à bruxaria entre os brasileiros.

2 A BRUXARIA E A HISTORIOGRAFIA

Desde a década de 1930 a Escola dos Annales abriu as portas para uma nova perspectiva de história. Distanciada do positivismo, procurou estudar o homem em seu tempo. Ao aceitar fontes das mais variadas e pensar as mentalidades, deu-se origem a Nova História. Em suas gerações ao longo do século XX, essa história se encontraria fragmentada, aliada a outras ciências que lhe emprestam novos horizontes de análise. Cada vez mais específica em seus objetos, deu boas-vindas ao dia a dia dos homens e ao seu contexto social, tornando-os indivíduos heterogêneos.

Compreender o fenômeno da bruxaria medieval, a feitiçaria e seus impactos nos imaginários das gerações posteriores cabem nas preocupações da Nova História. A feitiçaria, como em *História da Bruxaria* (Russel, 2019), enquanto fenômeno presente em todas as sociedades, é um tema óbvio, especialmente quando identificado como elemento de ansiedade social.

Os grupos religiosos formados desde o século XX em reação as tendências culturais pós-guerra se inserem no campo de estudos da Nova História. Compreendem indivíduos direcionados à crítica social e a rejeição dos modos de ser *mainstream*. As indagações variam entre as ideias que servem de apoio para suas identidades⁴, e seu papel social. Papel socialmente construído ou reforçado exteriormente.

Um dos principais estudiosos da bruxaria é Jeffrey Russel⁵, autor de *História da Bruxaria* (2019). Russel destaca a importância de compreender o papel social desempenhado pela bruxaria, um tema comum em obras de historiadores sociais. Ele ressalta, sobretudo, "a necessidade inconsciente de acusar e responsabilizar alguém pelos infortúnios da vida cotidiana" (p.148), onde o bruxo frequentemente assume o papel de bode expiatório⁶. O indivíduo acusado passa a simbolizar tanto uma forma de justiça quanto a esperança de melhora após sua condenação. Essa análise ajuda a explicar a recorrência da marginalização da feitiçaria ao longo da história.

Além da preocupação com a bruxaria medieval, os autores destacados introduzem novas preocupações acerca da nova (moderna) bruxaria, iniciada no século XX.

Uma questão central discutida tanto na obra de Jeffrey Russel, *História da Bruxaria* (2019), quanto na de Ronald Hutton, *Triumph of The Moon* (1999), é a disseminação e apropriação do revisionismo histórico sobre a bruxaria medieval. Esse tema surge associado à bruxaria moderna a partir da publicação de *Witchcraft Today* (A Bruxaria Hoje), de Gerald Gardner, em 1954. O revisionismo apresenta a Wicca de Gardner como um culto sobrevivente da Idade Média, e está relacionado a obras como *A Feiticeira*, de Jules Michelet (1862), e *O Culto-Bruxo na Europa Ocidental*, de Margaret Murray (1921), que traçam as origens do culto da bruxaria até a pré-história (Russel, 2019, p.182). Esse revisionismo foi emocionalmente

⁴ Hutton (1999) comenta sobre os grupos que se identificam enquanto continuidades de grupos do medievo na sua introdução. Assim como Russel (2019), entende que é necessário dar espaço para a análise dessas trajetórias, especialmente porque são temas relevados em espaços academicistas.

⁵ Professor da Universidade da Califórnia, focado tanto em história como estudos religiosos.

⁶ Enquanto emissária de Satã, a figura da bruxa também tem o importante papel de reforço do imaginário cristão e a necessidade do papel da igreja (p. 149).

absorvido pelas comunidades da bruxaria moderna, tornando-se parte de sua identidade e sendo amplamente reproduzido em suas obras⁷.

Os estudos sobre o paganismo moderno começaram a ganhar espaço acadêmico por volta de 1990 (Hutton, 1999, p. 376). Hutton aponta que, em comparação, esse tema recebeu muito menos atenção do que outras religiões novas e a espiritualidade da Nova Era. As disciplinas mais envolvidas nesse campo eram Sociologia, Antropologia e, com mais frequência, Estudos da Religião. A História foi a última a se conectar com o tema, devido à fragilidade das alegações sobre a antiguidade dessa religião, sendo o revisionismo a conexão entre a bruxaria moderna e a bruxaria medieval nas primeiras décadas após 1940.

No livro *História da Bruxaria: Feiticeiras, Hereges e Pagãos* (2019), o historiador Jeffrey B. Russel analisa a bruxaria medieval, a bruxaria moderna e a feitiçaria. Para Russel, "a religião da Bruxaria Moderna não está historicamente conectada ao fenômeno medieval com o mesmo nome, mas sim às especulações sobre bruxaria que surgiram após o desaparecimento do fenômeno original" (p. 178). Além disso, ele observa que "o número de bruxas e bruxos modernos tem crescido significativamente desde a década de 1960, e hoje a bruxaria deve ser considerada um importante fenômeno religioso" (p. 43). Na segunda parte do livro, o jornalista Brooks Alexander explora a história da bruxaria pagã moderna⁸ até o início do século XXI.

Este trabalho também aborda questões relacionadas à prática da magia e da feitiçaria. O livro *Magia, Encantamentos e Feitiçaria* (SILVA, 2023) reúne uma série de estudos de acadêmicos brasileiros sobre as práticas de magia na Europa, África e Brasil. A obra surgiu do interesse e fascínio que a figura da bruxa desperta atualmente (p.12).

Segundo a obra, "a magia corresponde assim à tentativa de alterar uma ordem estabelecida e tida como natural por meio de ações ou agentes que operam em segredo" (p. 11). No entanto, o texto também critica a visão de que a magia seria algo homogêneo, afirmando: "o correto seria falarmos de atos mágicos e não de uma magia única, uma vez que essas práticas existem em diferentes sistemas culturais e compõem a trama de suas sociedades" (p. 24).

A primeira representação negativa das práticas mágicas, conforme explica o texto, é resultado de um processo de demonização. A magia passou a ser vista como algo perigoso e antissocial, construindo-se uma imagem de exclusão e aversão. Isso levou à associação dessas

⁷ Um movimento contrário ao revisionismo dentro da bruxaria moderna é captado sobretudo em obras a partir da década de 1990. Essa é a perspectiva de Brooks, na segunda seção de *História da Bruxaria* (RUSSEL, 2019).

⁸ É, sobretudo, influenciado por Hutton (1999)

práticas com comportamentos imorais. Um exemplo mencionado é o caso das bruxas de Guaratuba, também conhecido como Caso Evandro, que “[...] envolveu a opinião pública em torno do tema da bruxaria e o preconceito contra práticas de matriz africana no Brasil”, incluindo confissões obtidas sob tortura (p. 13). A obra explica que, no Brasil, a rejeição à bruxaria se cruza com o preconceito contra as religiões afro-brasileiras.

Por outro lado, no Iluminismo, o racionalismo passou a ser visto como essencialmente separado do pensamento religioso e mágico. Nesse contexto, a bruxaria foi interpretada como "perturbação mental" (p. 15), com um papel fundamentalmente disruptivo da ordem social.

Para Russel (2019), a crença na feitiçaria (que define como uma prática de magia encontrada em todo o mundo, ou baixa magia):

[...] ajuda a definir e a sustentar certos valores sociais; explica eventos assustadores e mesmo fenômenos aterrorizantes. Dá ao indivíduo um senso de poder diante de um mundo muitas vezes incompreensível e amedrontador. A feitiçaria também pode servir como um estranho sistema de justiça, uma forma de corrigir erros ou de quitá-los: em geral, as maldições são empregadas pelos fracos contra os fortes, a quem não podem atingir de outra maneira. (p. 50).

O autor entende que são conjuntos de crenças passados tradicionalmente, e assim, ampliam seu sentido e a intensidade no grupo:

[...] tornam-se parte dos sistemas sociais e psicológicos dos indivíduos. Esses indivíduos passarão então a aceitar com muito mais facilidade os incidentes cruciais e os sonhos como confirmação das tradições. Vínculos ocultos para o observador empírico ou analítico podem parecer perfeitamente óbvios para o pensador intuitivo. (p. 07)

As práticas de magia têm um papel importante na identidade de seus praticantes, pois os conecta num mundo de significados comuns, desenvolvendo um senso de pertencimento. Historicamente, os grupos tendem a ser marginalizados, e essa característica sobrevive no século XXI.

Compreendemos que os estudos sobre bruxaria medieval e moderna tem um papel iluminador nas questões sociais referentes aos indivíduos identificados como praticantes, sejam marginalizados ou forçados a um papel excludente.

3 A MODERNIDADE E UM BRASIL DE MUDANÇAS

Em *As Consequências da Modernidade* (1991), Giddens aborda o período moderno e as concepções sociológicas acerca dele. As décadas posteriores ao século XVII são marcadas por profundas transformações culturais, sociais e políticas, que, segundo o autor, não se caracterizam como o chamado período pós-moderno. Criticando uma visão desse período enquanto moderno, mais pacífico, o autor define que “o século XX é o século da guerra” (1991, p. 15). Rompe com a ideia de eterno progresso e uma história que teria algum lugar para ir. O autor defende que “temos que desenvolver uma análise institucional do caráter de dois gumes da modernidade” (1991, p. 15).

Para Giddens, o que existe não é a cisão da modernidade, mas a radicalização dela. O decorrer do século XX traz “[...] traços mais conspícuos — a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da reflexividade meticulosa, constitutiva, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente” (1991, p. 51). Esse período é marcado por sociedades capitalistas, cuja lógica é “fortemente competitiva e expansionista” (p. 54). É beneficiada pelas contantes inovações tecnológicas, uma economia distinta das outras arenas sociais e com forte influência nas instituições, a propriedade privada dos meios de produção e a “transformação do trabalho assalariado em mercadoria” (p. 54), e por fim, uma autonomia do estado condicionada a acumulação de capital.

Segundo Giddens, “a modernidade é inerentemente globalizante” (1991, p. 90). A globalização é definida como um estreitamento nas causas e efeitos de fenômenos ao redor do globo:

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. [...] A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores — tais como dinheiro mundial e mercados de bens operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão.

Em *Modernidade e reflexividade: considerações à luz do pensamento*, de Anthony Giddens (2015), o processo de desencaixe “pode ser entendido pela ideia de separação da interação das particularidades do lugar em que ocorrem” (p. 03). A modernidade seria frenética e intensa, impulsionada pela constante inovação tecnológica, de onde nasce a reflexividade:

A concepção de reflexividade ou de um sujeito reflexivo é compreendido pela premissa de que há por parte dos indivíduos um autoexame das suas próprias ações e através dele a possibilidade de reformulação das mais diversas práticas

sociais e do próprio sujeito, tendo em vista a percepção de acesso ao pensamento e às informações, formuladas e reformuladas continuamente durante toda a existência do indivíduo.

A modernidade apresentaria um gradual rompimento com a ideia de tradicional, sendo que “todas as práticas sociais da vida social moderna são examinadas e reformadas constantemente” (p. 05), rompendo com um determinismo social e colocando as perspectivas pessoais em evidência. O âmbito pessoal seria construído por uma constante reflexividade, sendo móvel e trazendo mobilidade a ordem social, onde “o eu torna-se um projeto reflexivo” (p. 07) e a identidade “autoconstruída” (p. 07). Assim:

[...] A reflexividade representa a possibilidade de reinvenções na modernidade, especialmente por parte dos próprios sujeitos, propondo a existência de múltiplas formas de ser e agir, em contraposição a algumas visões unívocas e universais de uma pretensa unicidade determinista, tanto no que remete às ações dos sujeitos, quanto aos seus modos de ser. (p. 07).

Nessa perspectiva, a modernidade de Giddens (1991) é marcada por um constante fluxo de informação e interligação de eventos ao redor do globo, que apresenta um aquecimento, especialmente se comparado à modelos interiores, de transformações sociais e pessoais. As identidades modernas são marcadas por uma constante reflexão de si próprias impulsionada pelo fluxo de informação, que acarreta a ressignificação das referências ideais e uma mobilidade da realidade. É esperado do homem moderno que explore além do que sua “base” familiar jamais explorou.

É essa globalização impulsionadora de uma reflexividade que tomava potência no Brasil do início da internet, nas duas últimas décadas do século XX.

Nos anos 80 e 90, o Brasil se recuperava dos impactos da ditadura, enquanto mudanças culturais percorriam as classes. Como apresentado por Mary del Priori em *Histórias da Gente* (2019), os anos da ditadura falharam em impedir que a cultura americana, ou contracultura, fluísse em cascata pela classe média do Brasil desde o final dos anos 60 (p. 307).

Em “*O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel*” (2007), de Marcos Capellari, são apresentadas principais características da contracultura⁹: desvalorização do racionalismo; recusa do *American Way Of Life* e valorização

⁹ A contracultura tem relações com o esoterismo ocidental. Crowley é referenciado diretamente pelos Beatles, Led Zepelin, Raul Seixas: “Os escritos de Crowley sobre magia, misticismo, sexualidade e drogas atraíram os gostos da época, e Crowley rapidamente se tornou algo como um ícone antinômico para o movimento de contracultura e a geração do flower-power” (BOGDAN; STARR, 2012, p. 22).

do movimento hippie; pacifismo; hedonismo e revolução sexual. O movimento Tropicália é identificado como ponte para essa estética.

A contracultura era uma das correntes que regavam esse Brasil anterior aos anos 2000 e que conectava as expectativas de um pós-guerra norte americano com um pós-ditadura brasileiro. As identidades formadas nesse espaço se apresentavam como questionadoras do tradicional, e a bruxaria moderna apresentou características inovadoras.

4 A HISTÓRIA DE UMA RELIGIÃO

Entre o fim do século XX e durante os primeiros anos de nosso século XXI, trabalhos cujo objeto é o esoterismo ocidental e suas influências na cultura têm sido publicados pela editora da universidade de Oxford, a *Oxford University Press*¹⁰. Especificamente na história da bruxaria pagã ¹¹existe o trabalho de Ronald Hutton¹², *Triumph of The Moon – A History of Modern Pagan Witchcraft* (*Triunfo da lua – uma história da bruxaria pagã moderna*) com duas edições, em 1999 e 2019. O livro não é apenas preocupado com a origem do fenômeno, na década de 1940, mas com o seu desenvolvimento até o fim da década de 1990. O autor afirma que “o argumento mais importante do livro é que essa bruxaria foi o resultado de uma combinação particular de tendências culturais que se desenvolveram nessa sociedade [britânica] desde 1800” (2019, p. 366, tradução nossa). Nele encontram-se trabalhos autorais e contribuições de uma ampla gama de acadêmicos sobre *cunning folk*, magos cerimoniais vitorianos, classicistas, folcloristas, arqueólogos, movimentos *woodcraft* e de escoteiros, maçons, romancistas, e após 1950, os líderes da bruxaria pagã. Seu trabalho tem foco no Sul da Grã-Bretanha com referências ao resto da Grã-Bretanha, a Europa continental e a América do Norte.

Hutton compreende um formato básico:

O formato básico da bruxaria pagã moderna pode, portanto, conter um rico caleidoscópio de empréstimos culturais de todo o mundo, moldados de acordo com os gostos da pessoa ou do grupo que trabalha nele. No entanto, esse

¹⁰ Uma variedade de títulos pode ser encontrada em seu site:< <https://global.oup.com/academic/content/series/o/oxford-studies-in-western-esotericism-oswe/?lang=en&cc=us> > acesso em 11/05/2024, Copyright © Oxford University Press 2024

¹¹ Bruxaria pagã e bruxaria moderna são utilizados como sinônimos nesse trabalho, percebendo que ambos os termos apontam para uma descontinuidade com o fenômeno medieval.

¹² Historiador focado especialmente na história da Grã-Bretanha, folclore, e paganismo moderno. É conhecido pela sua presença na Universidade de Oxford, na Inglaterra, onde publicou a obra aqui mencionada, *Triumph Of The Moon*.

formato básico ainda é presente e as estruturas comuns ainda são pronunciadas. Em grande parte isto se deve à existência do Livro das Sombras, mas também ao poder e utilidade inerentes às formas básicas: o duoteísmo do casal divino (às vezes reduzido apenas à deusa), o círculo sagrado com seus pontos cardeais, a bênção e a partilha de comida e bebida, a personificação de seres divinos pelos celebrantes, o trabalho ritual de cura e consagração, um sistema de treinamento e iniciação (geralmente através de três graus), as celebrações lunares e os oito grandes festivais sazonais. (2019, p. 540, tradução nossa).

Para Hutton, o sucesso da bruxaria na Grã-Bretanha tem conexões com temas que se tonaram populares antes e depois da década de 50. Emblemáticos são os trabalhos de Margaret Murray, a egiptóloga popularizou a versão revisionista sobre o fenômeno da bruxaria medieval enquanto perseguição a uma religião de bruxaria assim como o mito da Antiga Religião neolítica; Carlo Ginzburg, com seu primeiro livro *I Bernandanti*, que deixa em aberto a existência de um culto de bruxas europeias; Jacquetta Hawkes na área da arqueologia com sua ideia da Grande Mãe, que reforçou o mito da Antiga Religião; os trabalhos de ficção de Robert Graves com tema da deusa tríplice. Hutton também identifica influências sociais, como o efeito atomizador da era moderna, o crescimento da espiritualidade privada e a exploração da mente e da alma em uma sociedade domesticada (2019, p. 384)

O autor identifica em 1970 uma mudança política, relevante especialmente para novos praticantes. Essa discussão está presente no capítulo *Uncle Sam and the Goddess* (tio Sam e a Deusa) (2019, p. 457-493). Sobre 1950, Hutton comenta que a bruxaria pagã pende para a direita política, e após 1970, os ramos desenvolvidos pelas autoras Starhawk e Z. Budapest pendem para a esquerda. Esses ramos assimilam a contracultura, o feminismo e a pauta da defesa ecológica. Transformam a religião de fertilidade em uma religião da natureza. As obras de Starhawk tornam-se *best sellers* especialmente nos EUA. Entre 1970 e 2000, o paganismo se populariza e se expande, e o sacerdócio da bruxaria é legalmente aceito na Britânia. Hutton identifica o polo cultural do paganismo nos Estados Unidos, e o polo do ocultismo na França.

A relação entre essa religiosidade e a indústria cultural pode ser compreendida desde o início do projeto de expansão¹³ de Gardner. Porém, A partir de 1970, o best seller *The Spiral Dance* pode ser entendido como um sinal para o mercado. O jornalista Brooks continuará a supervisão desse interesse de mercado, cuja representação cultural se torna cada vez mais jovem. A partir da década de 90, citará (2019, p248) o emblemático filme *The Craft* (jovens

¹³ Marcado por suas performances públicas no espaço do museu de bruxaria

bruxas, de 1996) e posteriores obras juvenis (p.251), como *Teen witch: wicca for a new generation*, publicado em 1998 (bruxa adolescente: wicca para uma nova geração). Esse é um processo promotor de uma cultura jovem, e resultará num público juvenil com suas próprias ideias de bruxaria. O público adulto aparece engajado em lutas por representação política (p. 253).

Com produções físicas, a Grã-Bretanha, a América do Norte, a costa da Europa e a Austrália até a década de 90 são citadas por Hutton. Após 2000, são esperados os frutos da ligação da bruxaria com a internet enquanto espaço de suporte de minorias, como apresentado por Brooks (p. 244).

No Brasil existe uma variedade de estudos sobre a bruxaria pagã. Como exemplo, citamos: “*A deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas: um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil*”. Tese de doutorado de Terzetti Filho, em ciência da religião, de 2016. Terzetti “buscou focar a obra de Gardner com o objetivo de identificar elementos da narrativa da história da Wicca que a nosso ver expressam uma interpretação nacionalista do fundador” (p. 20) e cuja tese é a reorientação da religião de um nacionalismo para um contexto global.

A história da bruxaria moderna é marcada pelas mudanças culturais que envolveram a Grã-Bretanha e a América do Norte durante o século XX. Um Brasil aberto para essa cultura anglófona seria fértil, como consequência, para uma apropriação da religião e sua transformação.

6 RESULTADOS

O livro *história cultural* de Roger Chartier (2002) foi utilizado para analisar o livro *O Poder da bruxa* (CABOT; COWAN, 1992), em busca de suas práticas e representações, e como estas podem ter ajudado a criar a realidade social de seus leitores.

Quadro 01 - Resumo dos capítulos de O Poder da Bruxa	
Capítulo	Resumo
1- O antigo poder da magia (p. 22)	Diálogo sobre as visões da autora sobre a feitiçaria e seus papéis na sociedade.
2 - A velha religião (p. 31)	Apresentação da divindade feminina da Wicca, a Deusa, no seu arquétipo de mãe e sua relação com o feminino. Conecta experiências femininas com a presença da Deusa em diferentes sociedades.

3 - O que eles dizem acerca das bruxas (p. 65)	Diálogo sobre a bruxaria histórica enquanto demoníaca; o papel do patriarcado nessa construção. Discussão acerca da necessidade moderna de reverter a construção satânica da bruxaria.
4 - A arte dos magos (p. 104)	Construção da simbologia da feitiçaria a partir de uma visão sensível. Apresentação de elementos emblemáticos da bruxaria moderna, como círculo mágico, a ritualística e os sabás.
5 - A ciência da feitiçaria (p. 155)	Apresentação do conceito de <i>energia</i> , fluido que construiria todas as coisas, e relação dessa afirmação com conceitos de física quântica. Discussão das Leis Herméticas.
6 – Alfa (p. 181)	Apresentação da importância dos estados alterados de consciência e coletânea de técnicas para explorar tais estados.
7 - A vida de uma bruxa: magia cotidiana (p. 215)	Instruções acerca de uma variedade de práticas da feitiçaria, como o altar e processos de consagração e purificação. Longa coletânea de feitiços.
8 - A vida de uma bruxa: as datas marcantes (p. 281)	Instruções para rituais de passagem, como casamento e maternidade.
9 - O futuro da feitiçaria (p. 301)	Diálogo sobre as esperanças e medos da autora acerca do futuro da feitiçaria. Exortação acerca da necessidade da publicidade da feitiçaria.

Como apresentado por Barros Assunção (2003), muitas são as formas que uma obra pode ser percebida. Os manuais de bruxaria, como descrito por Hutton, são vistos pelos praticantes como leituras iniciais, bases para a construção das práticas pessoais.

Podemos entender a obra de Cabot enquanto uma continuação do aquecimento do mercado, previamente ciente da popularidade vista nas obras de Starhawk. Isso ajuda a responder grande parte da questão que são os estímulos de entrada da bruxaria moderna no Brasil: fornecer esses artigos, nas américas do fim do século XX, tinha potencial para ser um empreendimento lucrativo. A cultura “do contra” que inspirou o ramo de bruxaria da autora Cabot garantiria uma aceitação por aqueles que estavam havidos por mudanças em sua vida e sociedade.

Começamos questionando a representação do que deve ser um livro de bruxaria segundo a autora. Para a Laurie Cabot, foi realizado o empenho em pesquisa, a partir de suas fontes escolhidas, revisando a sua ideia de história da bruxaria, desde o mito da antiga religião neolítica, a continuidade com o medievo e a construção da prática de magia enquanto perigo social, até a “nova imagem” (p. 94) da bruxa no século XX, onde Gardner é posto de lado em favor de famílias tradicionais de bruxas¹⁴. Além de sua perspectiva de história, a autora introduz

¹⁴ Hutton (2019) critica a falta de relativismo histórico: Muito frequentemente, na década de 1990, indivíduos que se identificam com o rótulo de bruxaria “hereditária” ou “tradicional” disseram-me que a sua religião lhes foi transmitida pela sua família ou por pessoas mais velhas conhecidas na sua juventude. Quase com a mesma frequência, acrescentaram, em conversas posteriores, que estes antepassados não aplicavam as palavras “pagão” ou “bruxo” a si próprios, “mas as suas crenças eram exatamente as mesmas”. Se a investigação for mais longe, essas crenças e ações geralmente consistem em um ou mais dos componentes a partir dos quais a bruxaria pagã se desenvolveu, como encantos populares e remédios mágicos, leitura da sorte, magia ritual e uma identificação mística com uma santidade inerente ao mundo natural, ou com monumentos ou literaturas pré-cristãs; mas não toda a construção, representada pela Wicca e seus derivados ou rivais (p. 410).

os conceitos básicos da prática e filosofia de sua magia, seguidos de um manual prático e detalhado de como deve proceder um praticante de bruxaria no dia a dia, as datas importantes do ano, as técnicas de base e recursos para apoiar o praticante. Nesse sentido, a ideia trazida por Laurie Cabot é um compêndio de bruxaria, construído para atender uma variedade de necessidades do leitor, formando-o densamente enquanto praticante. Aqueles que entraram em contato com o livro na década de 1980 adquiriram uma capacitação na bruxaria da autora.

Outras leituras sobre a obra são possíveis. A publicidade da religião foi marcada por atrair atenções “negativas”, visto especialmente dentro do jornalismo, como apontado por Hutton (2019) no capítulo *The Wider Context: Hostility* (O contexto geral: hostilidade). Sendo assim, a representação da religião enquanto um benefício para a sociedade está em conflito com as representações hostis e carregadas de estigmas. Os livros de bruxaria, enquanto parte da publicidade da religião, são também formas de combate a este estigma. O livro é um formato de diálogo solitário, onde Cabot se esforça para ilustrar uma religião pacífica e necessária.

Uma leitura semelhante decorre da mesma natureza do formato de um livro. As representações de Laurie Cabot de como a bruxaria deve ser estão em conflito com representações de outros grupos, que teriam preocupações diferentes. O livro serve essa função de promover uma representação específica de bruxaria, que, devido tornar-se *best seller*, teve potencial para sobrepor outras. Os dois últimos parágrafos estão de acordo com a luta de representações apresentada por Chartier, compreendendo que apesar das noções apresentarem-se totalizadoras, partem sempre dos interesses de um grupo. A discordância sobre o que o mundo e as bruxas precisam é um discurso recorrente nos resultados de Hutton (2019) e Russel (2019), e este trabalho apresentará a versão da autora Cabot.

No decorrer da obra, Laurie Cabot apresentou uma versão em que a bruxaria descendeu continuamente pelo medievo, apresentou ideias influenciadas pela “*californian cosmology*” (cosmologia californiana, onde o mundo é uma teia interligada), a hipótese gaia (o planeta enquanto um ser vivo e consciente), ligando a bruxaria à política ativista e ao desenvolvimento pessoal. Entre as referências históricas expostas pela autora está Starhawk, autora criticada por Hutton, de onde vem boa parte das associações citadas nesse parágrafo, comentadas no capítulo *Uncle Sam and the Goddess* (HUTTON, 2019). Assim, Cabot pode ser considerada altamente influenciada por Starhawk (e por extensão, Gardner) e a perspectiva de bruxaria americana, politicamente direcionada a esquerda, dos anos 1970.

A figura da bruxa aparece como herdeira de uma longa lista de títulos associados a prática de magia:

“aprendi serem esses os poderes tradicionais atribuídos às bruxas, aos feiticeiros, xamãs, pajés dos povos primitivos e muitas espécies de indivíduos capazes de curar por meios naturais. Os magos e magas de todas as culturas antigas possuíam esses poderes” (1992, p. 20).

Essa lista unifica as compreensões dos personagens citados, sem localizá-los num tempo e espaço específico. A identificação de uma identidade comum entre indivíduos ligados a prática de feitiçaria é muito importante para a autora.

As práticas de sua bruxaria são uma ferramenta para a melhora pessoal: “Cumpre-nos conhecer os princípios físicos e metafísicos subentendidos em todo o trabalho mágico e espiritual, a fim de podermos usar os nossos poderes corretamente e para o bem de todos”. Existe uma clara preocupação com a forma como as práticas descritas no livro serão utilizadas. Cabot se empenha em elevar o patamar moral de sua bruxaria.

A base dos saberes é construída como inerente a experiência humana, de forma a relacionar eventos captados desde a sua infância: “As experiências mágicas na infância e adolescência que me confundiram e excitaram repartiram-se em quatro categorias: recebimento de conhecimentos não acessíveis ¹⁵[...]; cura de outras pessoas com ervas, fórmulas mágicas e toques; estados alterados de consciência; e comunicação com espíritos”. A autora identifica as experiências sociais enquanto inibidoras desses saberes intrínsecos, por meio de uma cultura de negação: “Quando falei sobre esses assuntos com amigos e professores, a maioria mostrava-se chocada com o fato de eu levar essas noções tão a sério. Não podiam entender como uma pessoa inteligente era capaz de acreditar no que, para eles, parecia tapeação, impostura” (p. 20).

Sintetizando os últimos três parágrafos, a representação de bruxaria trazida por Laurie Cabot é sobretudo unificadora, positiva e intrínseca. Sua definição de magia segue os mesmos tópicos, ligando experiências historicamente remotas ou não conectadas definidas agora de forma uniforme: “A magia não pertence a nenhuma cultura, sociedade ou tribo — ela é parte da

¹⁵ O artigo *Importância de uma abordagem psicossocial para uma compreensão abrangente da mediunidade*¹⁵ (MARALDI, MACHADO, ZANGARI, 2010, tradução nossa) define o termo mediunidade: “[...] é definido como a suposta capacidade que certas pessoas – isto é, médiuns – teriam de mediar a comunicação entre entidades ou formas espirituais e outros seres humanos” (2010, p. 01, tradução nossa). Sobre os mais recentes estudos, Everton evidencia a importância do estudo da mediunidade sob a ótica psicossocial: “o desenvolvimento de uma visão de mundo mediúnica deve ser reconhecido como um caminho válido para o qual os indivíduos podem buscar significado emocional e espiritual em suas vidas [...]” (2010, p. 13, tradução nossa). Everton também critica a crença de que o pensamento “paranormal” é um recurso psicológico ligado a aqueles que sofrem exclusão social, e seu artigo cita os praticantes de Umbanda que pertencem a classe média.

sabedoria universal. Os produtores de magia em todos os séculos e em todas as culturas desempenharam papéis semelhantes e compartilharam de características similares.” (p. 22).

A autora traz um caráter de manifestação política muito forte, identificado no capítulo “A liga das bruxas - para esclarecimento público”. Narra a construção da *Witches' League for Public Awareness* (nome do capítulo) em 1986, que se espalhará pelos EUA e Grã-Bretanha a partir da aderência de um número crescente de praticantes, onde “cada presidente de conselho superintende as atividades voluntárias, como campanhas de cartas, monitoração de programas de televisão, noticiários e reportagens jornalísticas sobre Feitiçaria, e cuida do envio de relatórios para o escritório central em Salem”. O episódio representa a possibilidade e necessidade de organização ativista dos praticantes, formando uma voz única contra representações negativas associadas a bruxaria. Assim, o texto tem um forte caráter político e unificador, pois “o grande problema com que se defronta a nossa Arte em tempos recentes tem sido a invisibilidade” (p. 304).

A representação do feminino é um tópico importante durante a obra. O corpo feminino é possuidor de mistérios relacionados aos ciclos da natureza, e assim, a mulher é a bruxa em essência. Ao longo do texto, a autora apresentará versões da história para reforçar suas ideias: “As culturas baseadas no amor materno e reforçadas pelos ritos religiosos em torno da Deusa-Mãe teriam sido sociedades pacíficas, condescendentes, mantenedoras da vida, baseadas na confiança” (p. 46). Gardner inaugura, na sua bruxaria, a ideia de que o conhecimento científico comprova suas afirmações. Laurie Cabot continua essa perspectiva, agora sobre olhos femininos, especialmente influenciados por Starhawk. O feminino apresentado não é secundário entre os sexos, mas primário, necessário em suas características para uma sociedade mais desejável. As referências da mulher são constantemente colocadas à prova, não enquanto antiquadas, mas enquanto silenciadoras dos sentidos que a autora acredita pertencerem a uma “idade de ouro” matriarcal. *O Poder da bruxa* também é um chamado para a reeducação das perspectivas das leitoras sobre si mesmas. E conta com sua própria versão da história para induzir essa reeducação.

É possível afirmar que a construção da autora não se importa em captar os significados individuais, mas torna os sentidos uniformes a favor de sua tese. Todos os indivíduos citados partem de um lugar comum, para alcançar um objetivo comum. Dessa forma, sua versão de bruxaria pode ser compreendida como a continuação de um serviço necessário, de cura do mundo. É um apelo pelo bem maior, característica que pode ser relacionada com a aversão aos horrores do pós-guerra presentes na contracultura.

Em resumo, o livro de Laurie Cabot define uma identidade em conjunto com uma longa lista de grupos praticantes de feitiçaria, e compartilha com eles suas dores; Dá primária importância ao papel feminino na sociedade e na bruxaria, pois este é a resposta para os males do mundo, o retorno a uma “era dourada”; A bruxaria aparece como um bálsamo para as mazelas sociais, cujo papel é a cura de um mundo desenfreado, cego e masculino; Apresenta um chamado pela representação política, a formação e fortalecimento de comunidades ligadas pela mesma causa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos o fim do século XX como marcado por movimentos culturais expansivos. A reflexividade desconstrói a ideia do tradicional. As influências globais direcionam o homem a experimentar ideias além de seus entornos. A globalização propicia uma facilidade na comunicação das ideias. As identidades são uma bagagem de referências complexas, em constante construção e adição de novos temas e questionamentos. A popularidade da contracultura, influenciada por um pós-guerra violento, prepara as massas, sobretudo a classe média, para buscar as alternativas para um mundo diferente. As produções culturais, especialmente da América do Norte, formam uma “cascata cultural” que tende a se intensificar na virada do século. Essa cascata, quando atinge as águas internacionais, constrói um espaço fértil para elementos e grupos harmonizados com os valores da pacificidade, da exploração pessoal e crítica à sociedade estabelecida.

A bruxaria moderna, influenciada por movimentos sociais e culturais, clama por atenção. Suas produções se provam lucrativas, cativando um público já preparado para seus questionamentos. Suas práticas privadas oferecem o conforto do lar e uma exploração pessoal em busca da satisfação pessoal. Os vários núcleos de praticantes estão havidos em suas batalhas por atenção, promovendo sua forma única de ver o mundo. Os personagens novatos desta história encontram algo que não é completamente estranho. Ao dedicar espaço de sua vida para essa espiritualidade, formam comunidades com normas culturais que induzem ao estudo e acumulação de conhecimento. Ao mesmo tempo, disponibilizam sua cultura nos meios cada vez mais rápidos e conectados, gerando novas sementes e contribuindo para uma facilitação da apropriação dessa cultura.

A obra *O Poder da Bruxa* carrega todas as características mencionadas nos parágrafos anteriores. Sua versão de bruxaria é modelada a partir de críticas a valores tradicionais, sobretudo o papel feminino e a importância do pensamento sensível. Tal conexão garantiu um encaixe especial entre aqueles afetados pelas ondas da contracultura. A bruxaria aparece como uma cura para os males das gerações passadas, e isto é um bom motivo para sua apropriação. Sua divulgação e organização são essenciais. A mensagem apresentada pela obra não é apenas agradável, mas prova-se rentável. As últimas décadas do século XX, propícias aos *best sellers* de bruxaria americanos, criaram um espaço fértil no Brasil a partir da sua cascata cultural. A revolução da internet fez parte da popularização dessa mensagem, contribuindo para a formação de grupos e praticantes solitários que podem ser vistos nas correntes décadas do século XXI.

REFERÊNCIAS

1. A TRADIÇÃO. Tradição Diânica do Brasil, c2019. Disponível em: <<https://tradicaodianicadobrasil.com.br/>>. Acesso em: 28 de jul. de 2022.
2. BARROS, J. D. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. Textos de história, vol. 11, ne 1/2, 2003.
3. BOGDAN, H.; STARR, M. et al. **Aleister Crowley and Western Esotericism**. Nova York, Oxford University Press, 2012.
4. CABOT, L.; COWAN, T. (1992). **O Poder da Bruxa**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Campus, 1992.
5. CAPELLARI, M. A. **O discurso da contracultura no Brasil**: o underground através de Luiz Carlos Maciel. 2007. Tese (pós-graduação em história) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, 2009.
6. CHARTIER, R. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Miraflores: Difel, 2002.
7. GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
8. HUTTON, R. **Triumph of the moon**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2019.
9. HUTTON, R. **Triumph of the moon**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
10. HYLAIOS, A. Bruxaria: Tradições E Conceitos. Tradição Caminhos das Sombras, 26 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://caminhosdassombras.com.br/2020/03/26/bruxaria-tradicoes-e-conceitos/>>. Acesso em: 28 de jul. de 2022. Copyright 2020 Tradição Caminhos Das Sombras.

11. IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>>. Acesso em 09 de julho de 2024.
12. MARALDI, E; Machado F. R., Zangari W. **Importance of a Psychosocial Approach for a Comprehensive Understanding of Mediumship**. Journal of Scientific Exploration, Vol. 24, No. 2, pp. 181–196, 2010.
13. MATOS, Júlia S. "**Tendências e debates:** da Escola dos Annales à História Nova." *Historiae* 1.1 (2010): 113-130.
14. OLIVEIRA, G. F. de, & Mendes, M. L. G. da C. (2015). **Modernidade e reflexividade:** considerações à luz do pensamento de Anthony Giddens. Revista Espaço Acadêmico, 15(170), 04-13.
Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/27030>.
15. PRIORI, M. **Histórias da Gente**, volume 4: República – Testemunhos (1951-2000). São Paulo: LeYa, 2019.
16. RUSSEL, Jeffrey B.; BROOKS, A. **HISTÓRIA DA BRUXARIA**. 2. ed. - São Paulo, Aleph, 2019.
17. SILVA, S. C. et al. **Magia, encantamentos e feitiçaria**. São Paulo, cultura acadêmica, 2023.
18. TERZETTI FILHO, Celso L. **A DEUSA NÃO CONHECE FRONTEIRAS E FALA TODAS AS LÍNGUAS:** um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil. 2016. 192 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
19. Tradição Caminhos das Sombras. **Círculo Externo TCS – Um Curso de Wicca Online e Gratuito**. Disponível em: <<https://caminhosdassombras.com.br/circulo-externo-tcs/>>. Copyright 2020 Tradição Caminhos Das Sombras. Acesso em: 14 jul. 2024.
20. TRADIÇÃO DIÂNICA DO BRASIL. Podcast. Disponível em <<https://open.spotify.com/show/713PZbosnCePD0iDgJhZyI>>. Acesso em 11 de julho de 2022. Copyright 2024 Spotify AB.